

## **Do ato analítico ao ato poético: da psicanálise transmatricial à elasticidade da técnica psicanalítica para apreender e compreender os fenômenos psíquicos em tempos de pandemia**

From the analytic act to the poetic act: from transmatricial psychoanalysis to the elasticity of psychoanalytic technique to apprehend and understand the psychic phenomena in pandemic times

*Mailza R. Toledo e Souza\**

*\*Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi (GBPSF)*

---

**Resumo:** Neste texto, busco registrar a minha apreensão teórico-clínica de um fenômeno psíquico desencadeado a partir da narrativa de uma paciente no *setting*, mas que continuou ressoante fora do espaço analítico. Orientando-me pelos aportes teóricos de Sandor Ferenczi e Thomas Ogden, por meio desta vinheta clínica busco ilustrar as similaridades entre o processo de psicanalisar, poetar e filosofar. Tais fenômenos podem também ocorrer mediante a escuta ou leitura de uma canção poética ou a leitura e/ou composição de uma poesia, revelando assim as relações entre literatura, psicanálise e a arte. A (co)existência humana que precisou ser reinventada nesta era que se inicia assolada e assombrada pela pandemia de um vírus ainda enigmático nos obrigou a reaprender a amar, a criar, a psicanalisar e a viver. Tais eventos levam-nos a refletir sobre a importância de se pensar interdisciplinarmente um estilo clínico que dê conta de tantas demandas individuais e sociais.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Literatura. Sociedade. Interdisciplinaridade. Pandemia.

---

**Abstract:** In this paper, I seek to register my theoretical-clinical apprehension of a psychic phenomenon triggered from a patient's narrative in the setting, but that continued resonating outside the analytical space. Guided by the theoretical contributions of Sandor Ferenczi and Thomas Ogden, through this clinical vignette I try to illustrate the similarities between the process of psychoanalyzing, poetry and philosophizing. Such phenomena can also occur through listening to or reading a poetic song or reading and/or composing a poem, thus revealing the relationships between literature, psychoanalysis, and art. The human (co)existence that needed to be reinvented in this era that is starting, plagued and haunted by the pandemic of a still enigmatic virus, has forced us to relearn how to love, how to create, how to psychoanalyze, and how to live. Such events lead us to reflect on the importance of thinking interdisciplinarily about a clinical style that can cope with so many individual and social demands.

**Keywords:** Psychoanalysis. Literature. Society. Interdisciplinarity. Pandemic.

---

## Introdução

Problemas de desigualdade, inadequações da força de trabalho ante a crescente sofisticação do mercado, imigrantes ilegais, injustiça racial e de classe, conflitos de identidade de gênero... são o pano de fundo e ao mesmo tempo as causas e efeitos de um intenso sofrimento psíquico característico do mal-estar do século XXI. A internet, a mesma que paradoxalmente aproxima e distancia as pessoas, tornou ilusoriamente fácil às pessoas diagnosticarem a si próprias, chegando aos consultórios portando “diagnósticos válidos” atribuídos pelo Dr. Google, com os quais se identificam, mas que não logram resolver problemas físicos e/ou emocional algum.

Se este cenário em si já não fosse grave o bastante, nos vemos agora em plena pandemia do Corona vírus tornando-o ainda mais caótico. As rotinas foram drasticamente alteradas, praticamente da noite para o dia, muitos padrões e paradigmas tiveram de ser quebrados, paradoxalmente o distanciamento passou a ser uma das maiores provas de amor. Como pensar uma psicanálise que dê conta das demandas individuais e sociais? Ao mesmo tempo cresce a procura espontânea de cidadãos comuns pela formação em cursos de psicanálise, coaching, e muitas outras formas de terapia psi. Será este um movimento de projeção: Na busca do cuidar de si, somos levados a cuidar do outro?

Consequentemente, surge uma tendência que exige uma psicanálise como um método terapêutico que não privilegie predominantemente a elite cultural, social e econômica como fora nos tempos de Freud.

Neste contexto, é relevante considerar como opção uma metodologia psicanalítica transmatricial e interdisciplinar que conceba o ser humano holisticamente considerando seus aspectos emocionais, espirituais, mentais, energéticos, culturais... e suas relações com o corpo. O psicanalista contemporâneo precisa munir-se de um arsenal analítico muito mais vasto para atender as demandas de um contexto social e existencial em constante e incessante mutação, no qual tudo acontece “a jato”, gerando um “colapso da subjetividade e da intersubjetividade” (OGDEN, 1996). Na “sociedade do cansaço”, na qual as pessoas sentem-se compelidas a atender muitas demandas ao mesmo tempo, o psicanalista depara-se com o fato de que seus pacientes também demandam dele que as sessões sejam cada vez menos frequentes exigindo de fato uma “Elasticidade da técnica psicanalítica” (FERENCZI, 2020, p. 29).

Articulando as relações entre a Psicanálise Transmatricial de Thomas Ogden (COELHO JÚNIOR; FIGUEIREDO, 2018) e os pressupostos teóricos de Sandor Ferenczi, pretendo articular especialmente o conceito de *revêrie* e interpretação e elasticidade da

técnica psicanalítica ilustrados a partir do registro de uma breve vinheta clínica extraída de meus próprios relatórios clínicos e na letra de uma canção na qual, acredito, a teoria e a prática psicanalítica se conectam e promovem um fenômeno analítico e poético.

## Literatura e psicanálise: uma clínica transformacional em tempos de pandemia

Durante toda uma trajetória existencial e profissional orientada pelas Letras que começou em 1993 e foi até 2009, quando defendi minha tese de doutorado cujo título era do *Do corpo ao texto: a mulher inscrita/escrita na poesia de Hilda Hilst e Ana Paula Tavares*, a Psicanálise sempre esteve à deriva nas análises narrativas, poéticas e fílmicas, etc., como uma das ferramentas analíticas, bem como a semiótica, filosofia, sociologia dentre outras ciências humanas, as Letras trouxeram ao meu mundo mais cores, mais sabores, mais aromas, os horizontes mais amplos e também mais nítidos.

Com tudo isto intensificaram-se ainda mais a minha sede e a minha fome de conhecimento, o que me levou a um curso de habilitação em psicanálise e assim, tudo que até então era vivido apenas intelectualmente na ficção, por meio dos atendimentos clínicos passou a ser vivenciado de forma visceral. Tanta paixão assustou-me, então fui cursar diversas disciplinas na pós-graduação em Psicologia Clínica da USP (Universidade de São Paulo), foi então que passei a compreender melhor certos fenômenos psíquicos que aconteciam no meu *setting*, tanto no lugar de analista quanto de analisada algo que Ogden (1996), acerca das contribuições kleinianas, ilustra bem:

Três das mais importantes contribuições teóricas de Melanie Klein para o desenvolvimento de uma formulação analítica da subjetividade são (1) a concepção dialética da estrutura psíquica e o desenvolvimento psicológico subjacente ao seu conceito de “posições”, (2) o descentramento dialético do sujeito no espaço psíquico, e (3) a noção da dialética da intersubjetividade que está implícita no conceito de identificação projetiva. A atenção de Klein não estava voltada para a questão teórica da natureza da subjetividade, e, em consequência, nós, na qualidade de intérpretes de sua obra, podemos estar melhor situados do que a própria autora para compreender o lugar de seu pensamento no desenvolvimento da concepção psicanalítica do sujeito. (OGDEN, 1996, p. 29).

Antes dessa leitura meu conhecimento sobre Klein era apenas *en passant*, assim como as demais matrizes psicanalíticas apresentadas no curso de habilitação que tem uma proposta integrativa, porém mais voltada para a proposta freudiana. Particularmente sempre fui encantada por Lacan, no entanto, os pressupostos teóricos de Sandor Ferenczi fizeram-me olhar tudo de um “jeito” diferente, pois eu queria entender se a maneira como eu conduzia meus atendimentos era normal, e descobri que melhor que ser normal é ser natural, que aquela sensação de estar dentro, fora e à deriva do *setting* estava validada teoricamente:

Para apaziguar um pouco os espíritos, acrescentemos, com efeito, que nesta como em qualquer outra profissão, haverá sempre os artistas de exceção, de quem esperamos os progressos e as novas perspectiva” (FERENCZI, 2020, p. 30).

Para Lacan, psicanalisar seria um dos ofícios impossíveis, no entanto, nas palavras de Ferenczi, tal tarefa torna-se mais leve se executada sob um prisma artístico tornando a escuta mais aguçada tal qual a leitura de um poema ou narrativa literária, e foi norteando-me pela perspectiva ferencziana que conduzi meus atendimentos.

Antes do contexto da pandemia, os padrões existiam para serem seguidos, no entanto, a devastação causada pelo vírus forçou-nos a rever e criar novas metodologias e/ou variações da técnica, nos distanciou fisicamente do outro e nos aproximou do nosso self. Novas estruturas subjetivas tiveram de emergir do caos. Um estado de arte fez-se essencial neste processo criativo e no estilo clínico, mesmo aos profissionais mais resistentes aos atendimentos fora do divã ou não presenciais, mais do que nunca tivemos de exercitar a “elasticidade da técnica analítica” rever pré concepções. Enquanto a orientação dos cientistas era “fique em casa”, algumas categorias de trabalhadores, inclusive a de saúde de animais humanos e não humanos, não conseguiram porque não puderam permanecer em casa, e então novamente tivemos de ser artisticamente criativos, porém sem perder o bom senso e a responsabilidade individual e coletiva.

O atendimento ao qual farei referência a seguir foi conduzido ao ar livre e favorecido pela paisagem praiana, o silêncio nas ruas, o céu mais azul do que nunca e o mar mais verde no litoral da baixada santista. Brasil, meados de abril de 2020, auge do alarmismo da mídia e do pânico perante o inimigo invisível que lançava algumas das pessoas ao mais profundo pavor, outras aos extremos do negacionismo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fevereiro de 2021, embora já estejamos em fase de vacinação o estado psíquico de muitas comunidades ainda é sofrível, a gravidade do vírus não diminuiu, mas bem ou mal as pessoas estão sendo “forçadas” pelas contingências a agirem segundo o próprio bom senso, mesmo aquelas que ainda não sabem o que possa

Sentadas uma em cada esteira, respeitando o distanciamento social recomendado pelo ministério da saúde, nariz e boca protegidos por máscaras, ouvidos e olhos atentos/assustados. Além da minha relação intersubjetiva com a paciente havia também uma transsubjetividade pairando no tempo e no espaço, não era apenas o vírus e o medo, havia também um terceiro analisante (Lacan), e este terceiro, tanto a mim quanto à paciente, muitas vezes nos acompanhava após as sessões, conforme ilustro na vinheta abaixo.

## Enquanto conserta o osso cons(c)erta a alma

Nesta seção do trabalho apresento a paciente (**H**) veterinária, cuja especialidade é cirurgia ortopédica, casada, mãe de duas filhas ainda bem crianças. Eu sou uma atuante defensora da causa animal tutora de 17 *pets*, mãe de 5 (uma felina e 4 caninas) estas são as filhas que eu escolhi ter, esta foi a maneira que escolhi de experimentar a minha maternidade, esta afinidade de amar tanto os animais, creio eu, facilitou muito o fenômeno da transferência entre analista e analisante.

A queixa que a paciente apresentou na entrevista era de que ela estava tornando-se acumuladora de animais, que isto estava trazendo-lhe muitos prejuízos financeiros e um desgaste enorme no casamento, além disso, incomodava-se muito com a relação que o marido tinha com as filhas deles, porque não era “normal” um pai participar tanto da vida das filhas... dentre outras queixas que me levaram à hipótese de que (**H**) trazia em si um enorme vazio ao qual ela queria preencher de qualquer forma e uma angústia que trazia-lhe um intenso sofrimento psíquico.

Após essa breve apresentação é possível entender como a transferência com essa paciente foi natural desde a entrevista, na sessão que deveria ter acontecido anteriormente a esta que estou narrando, ela ligou desmarcando, pois havia surgido uma emergência, nesta, ela iniciou a seguinte narrativa<sup>2</sup>:

\_ Então... eu tive que atender a uma emergência numa ONG, era um caso cirúrgico não consegui terminar em tempo para o nosso horário, você sabe, eu adoro cirurgia, desde o começo... mas eu não entendia direito porque isto me fascinava tanto, mas dessa vez foi diferente eu queria ter

---

significar isto, principalmente em uma cidade turística e litorânea como esta, o que fica é a impressão de estarmos vivendo em universos paralelos.

<sup>2</sup> Dada a natureza deste trabalho pontuei apenas os trechos mais relevantes da sessão e as informações também mais pertinentes para a compreensão deste processo.

vindo e enquanto estava lá operando ficava pensando nas nossas conversas e lembrando também do meu pai, que eu sempre achei que fosse um péssimo pai...

Enquanto ela narrava eu também lembrei-me dos meus pais, dos meus bichinhos dos meus 7 irmãos e, de repente, me dei conta de que eu havia adotado 8 filhotes caninos (os demais foram resgatados, alguns já idosos) dos quais apenas 2 eram machos, um era filho de uma das minhas meninas, o outro era um pit bull que fora rejeitado pela mãe, eu tinha muito medo dessa raça, mas quando o vi desamparado não resisti. Apenas 3 meninas ainda estavam vivas, a caçula então com 12 anos e as outras duas com quatorze... Após esse breve devaneio que aconteceu muito rápido, pois antes que eu pudesse interpretá-lo, voltei a escutá-la: ...não sei porque veio tanta coisa na minha cabeça, eu sempre ficava superconcentrada nas cirurgias, mas dessa vez foi como se aquelas mãos não fossem minhas, eu estava lá e não estava, parecia que eu estava aqui eu precisava te contar o que eu estava sentindo, no final da cirurgia deu tudo certo, mas eu chorei. Por que será?... Algo havia acontecido, minha alma parecia mais leve...

Eu não sabia exatamente o porquê, porém intervi sem perceber:

\_ Foi como se você concertasse a alma enquanto concertava o osso?

\_ Não sei... parece que sim... como é isso (novamente ela chorou)

Foi um momento muito especial aquele, e novamente fiz uma intervenção dessa vez mais poética:

\_ Então o que seria apenas um concerto com “S” passou a ser um concerto com “C”...

Ela não entendeu, então eu lhe expliquei a diferença entre estes dois significantes com e seu sentido metafórico (minúcias herdadas das Letras):

\_ A palavra conSerto com “s” significa que algo foi reparado, corrigido em um funcionamento melhor, conCerto com “c” trata-se de harmonia musical, como numa orquestra, isso me ocorreu quando você disse que estava sentindo sua alma mais leve, é apenas uma hipótese...

\_ É... parece que é isso mesmo... isto é bom? – Ela me perguntou com um olhar pasmado

\_ O que você acha? – Perguntei-lhe

\_ Faz muito sentido... Sei lá, é diferente...(risos)

O meu devaneio enquanto eu ouvia a narrativa da paciente não foi exteriorizado, mas levei-o comigo, não quis fazer conclusões óbvias, mas vinha-me à mente, com muita frequência, a imagem de uma rosa de pesadas pétalas... às vezes brancas, outras vermelhas, amarelas, negras... a ser despetalada... como se fossem camadas muito densas, algo bastante difuso, mas certamente transformador, embora eu ainda não tivesse a dimensão de tudo isto,

mesmo tendo buscado explicações teóricas, sinto que ficou algo solto em algum lugar, porém, em Ogden (2013) encontrei algo que me trouxe uma certa aquietação:

Considero *revérie* um evento simultaneamente pessoal/privado e intersubjetivo. Como acontece com outras experiências emocionais intensas do analista, ele geralmente não fala de dessas experiências diretamente ao analisando, mas tenta falar-lhe a partir do que está sentindo e pensando; ou seja, ele tenta basear o que diz na consciência fundamentada na experiência emocional que tem com o paciente.

[...] Trata-se de uma experiência primorosamente privada que envolve os mais constrangedores aspectos cotidianos (e ainda assim tão importantes) de nossas vidas [...] Em nossos esforços para fazer uso analítico de nossa *revérie*, “eu” como sujeito sem consciência de si mesmo é transformado em “me” como objeto de escrutínio analítico.

Paradoxalmente, apesar de o analista sentir suas *revéries* como privadas e pessoais, é enganoso vê-las como “suas” criações próprias, já que são, ao mesmo tempo, construções intersubjetivas inconscientes criadas em conjunto (embora assimetricamente), que chamei de “o terceiro analítico” [...]

[...] A *revérie*, por sua vez, dissolve-se facilmente em outros estados psíquicos. Ela não tem um ponto de partida nitidamente delineado, ou um ponto de término separando-a, por exemplo, de um processo secundário de pensamento mais focado que a preceda ou a siga. (OGDEN, 2013: 146-147).

Assustava-me tremendamente pensar que estava agindo apenas intuitivamente, no entanto, percebi que ser “normal” pode ser muito limitante e que o fenômeno intuitivo é apenas uma das partes do fenômeno psíquico, libertei-me de ansiar pela normalidade analítica, pois conforme o excerto de Ogden demonstra, essa experiência certamente é uma das mais íntimas que existe entre dois seres humanos, neste sentido, não pode permanecer restrita aos parâmetros da “normalidade”, pois a naturalidade subjetiva de cada ser no fenômeno da *revérie* é transubjetiva, assim como o inconsciente.

Entendi, por fim, que tínhamos ascendido a um novo nível do “nosso” processo analítico e tive plena convicção de que havia atingido uma transferência positiva, mais que isto “uma verdadeira posição de ‘sentir com’” (FERENCZI, 2020, p. 37). pois: “Quando se resolve as resistências do paciente pela análise, chega-se algumas vezes, na análise, a estágios em que o paciente realiza todo o trabalho de interpretação quase sozinho, ou apenas com uma ajuda mínima.” (FERENCZI, 2020, p. 38). Era exatamente este processo que estava sucedendo-se entre mim e minha paciente, de certa forma, também uma “análise mútua”.

Esta “dissolução” da *réverie*, sua plasticidade sem contornos bem delineados reaparece neste momento mesmo em que escrevo este texto e ao fundo ouço esta canção:

Ando devagar<sup>3</sup>  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei  
Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs  
É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir  
Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente  
[...]  
Todo mundo ama um dia  
Todo mundo chora  
Um dia a gente chega  
E no outro vai embora  
Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
E ser feliz  
[...]  
É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir  
[...]

---

<sup>3</sup> Confira: <https://www.lettras.mus.br/almir-sater/44082/>

Não é a primeira vez que ouço esta canção, porém, “contaminada” ainda pelos resquícios do fenômeno psíquico que ocorreu no *setting*, a minha escuta foi transformada e a potência poética dos versos tornou-se ainda mais sensibilizante, causando uma espécie de alumbramento... Novas experiências psíquicas muito mais enriquecedoras, intensas, íntimas e, ao mesmo tempo, libertadoras entre as relações e vivências humanas.

Poderiam, então, os versos da canção *Tocando em frente*, de Almir Sater e Renato Teixeira, serem uma versão poética do fenômeno da *revérie*? Não sei. Saber é muito bom, mas não saber é libertador. Não confundindo aqui o estatuto do não saber com a paixão pela ignorância e sim o associando a novas modalidades de aquisições de saberes como, por exemplo,

O tato é a *faculdade de “sentir com”* (Einfühlung). Se, com a ajuda do *nosso saber*, inferido da dissecação de numerosos psiquismos humanos, mas sobretudo da dissecação do nosso próprio eu, conseguirmos tornar presentes as associações possíveis ou prováveis do paciente, que ele ainda não percebe, poderemos – não tendo, como ele, de lutar com resistências... Pouco a pouco, vai-se percebendo até que ponto o trabalho psíquico desenvolvido pelo analista é, na verdade, complicado. Deixam-se agir sobre si as associações livres do paciente e, ao mesmo tempo, deixa-se a sua própria imaginação brincar com esse material associativo; nesse meio-tempo, comparam-se as novas conexões com os resultados anteriores da análise, sem negligenciar, por um instante sequer, o exame e a crítica de suas próprias tendências. (FERENCZI, 2020, p.32-37).

De acordo com o fragmento acima extraído do capítulo III do volume IV das obras completas de Ferenczi, escrito em 1928, percebemos que, de certo modo, o psicanalista americano dialoga com o conceito de “Elasticidade da Técnica Psicanalítica” do autor húngaro, pois se “A *reverie*, por sua vez, dissolve-se facilmente em outros estados psíquicos. Ela não tem um ponto de partida nitidamente delineada, ou um ponto de término separando-a”, que por sua vez pode ser representado poeticamente em: “*Penso que cumprir a vida / Seja simplesmente / Compreender a marcha / E ir tocando em frente*”, isto posto, esta analogia poderá ser extensível a toda experiência analítica, indo além: a toda experiência existencial humana, com todos os seus paradoxos de dor, angústia, júbilo e êxtase.

Resta-nos, portanto, no *setting* e/ou na vida: “tocar em frente”, pois além de se precisar de amor é preciso também “não saber” para poder pulsar, pois conforme Gerber & Figueiredo (2018: 97) acerca de Bion: “As invariantes seriam os elementos comuns entre o manifesto e o latente, as experiências emocionais expressas em diferentes códigos lógicos. Sonhos, uma pedra da Roseta multidimensional, Borgiana, Infinita”. O saber/consciente é

finito, o não saber/inconsciente é infinito. Sendo assim, o saber é nada mais que um extenso processo de aprendizado que só cessa, quando cessa também a própria existência.

## Atos poéticos: psicanalisar e viver

Refletir sobre a psicanálise como um ato poético demandaria, com certeza, um trabalho de maior fôlego, porém, nesta breve reflexão articulando teoria, clínica e poesia, espero ter dado conta de ilustrar que o conteúdo que se ouve de forma narrativa em uma sessão de análise é preciso ser escutado/interpretado como poesia, pois o narrado é, na maior parte do tempo, algo que se chegou à consciência, portanto é finito, por isto o “não dito” deverá ser perscrutado com maior empenho do analista e do analisando, ainda que seja numa relação assimétrica, estes inconscientes sempre não de comunicar-se.

Desta forma, é possível se estabelecer uma articulação entre espaço/tempo(*setting*) /poema/ forma e psiquismo/tempo /poesia/ fundo. Lembrando aqui que nos referimos à mensurações/percepções temporais distintas: *Chronos*, o tempo cronológico linear consciente que organiza os horários das sessões no espaço/*setting* e *Kairos* o tempo caótico pelo opera o inconsciente. Complemento essas considerações com Ribeiro (2019):

... um elemento só se torna um contido se há outra mente capaz de transformá-lo e contê-lo. Um contido torna-se um elemento psíquico quando transformado pela função onírica alfa; ou seja, pensado/sonhado pelo analista. Em outras palavras, se tornou psíquico a partir da possibilidade de “habitar” outra mente. Se o termo identificação projetivo no texto kleiniano enfatiza o intrapsíquico, mas não se restringe a esse campo, os conceitos bionianos de continente e contido ressaltam o trânsito intersubjetivo entre as mentes – condição de pensar. (RIBEIRO, 2019; no prelo).

Finalmente, encerro este texto, um tanto reflexivo, como se fosse mesmo um outro registro de uma outra *reverie*, visto que ele (o texto) passou por mim tão inusitadamente como um lampejo, em uma fração de segundo, explodiram-se em mim a narrativa da paciente, a teoria e a música *Tocando em frente* que eu ouvia enquanto lia a teoria e tentava articulá-la à clínica... Quando dei por mim, estava feito.

## Referências

- CINTRA, E.; RIBEIRO, M. F. R. - *Por que Klein?* São Paulo: Zagodoni, 2018.
- FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JUNIOR, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em psicanálise.* São Paulo, SP: Editora Blucher, 2018.
- GERBER, I.; FIGUEIREDO, L. C. *Por que Bion?* São Paulo: Zagodoni, 2018.
- OGDEN, T. H. Identificação projetiva e o terceiro subjugador. In: \_\_\_\_\_. *Os sujeitos da Psicanálise.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- OGDEN, T. H. Sobre não ser capaz de sonhar. In: \_\_\_\_\_. *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos.* Porto Alegre: Artmed, 2010.
- OGDEN, T. H. Reverie e interpretação. In: \_\_\_\_\_. *Reverie e interpretação.* São Paulo: Escuta, 2013.
- RIBEIRO, M. F. R. *Narrativas imaginativas na sala de análise. W. Bion, Antonino Ferro, Thomas Ogden e Mia Couto.* Rev. Latinoam. Psicopatol v. 20, n. 1 jan./mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p181.12>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- RIBEIRO, M. F. R. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor. In: ROCHA BARROS, A.; CANDI, T. (org.). *Diálogos Psicanalíticos, Bion e Laplanche: do afeto ao pensamento.* São Paulo: Escuta, 2019, no prelo.
- FERENCZI, S. *Psicanálise IV* – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- OGDEN, T. H. *A matriz da mente: relações objetais e o diálogo psicanalítico.* São Paulo: Editora Blucher. 2017.
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura.* 2. ed. São Paulo, SP: L&PM, 2015.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão* 2. ed. São Paulo: L&PM, 2015.

**MAILZA R. TOLEDO E SOUZA**

Psicanalista Clínica (SBPI - Sociedade Brasileira de Psicanálise Integrativa, 2017); Mestre em LETRAS – Área de Teoria Literária e Literatura Comparada (UNESP- Universidade Estadual Paulista, 2003); Doutora em LETRAS – Área de Estudos Comparados de Língua Portuguesa (USP – Universidade de São Paulo, 2009).

**Lattes ID:** <http://lattes.cnpq.br/9345185275889895>

**Orcid ID:** <https://orcid.org/0000-0001-9426-1348>

**E-mail:** [izatoledo71@gmail.com](mailto:izatoledo71@gmail.com)